

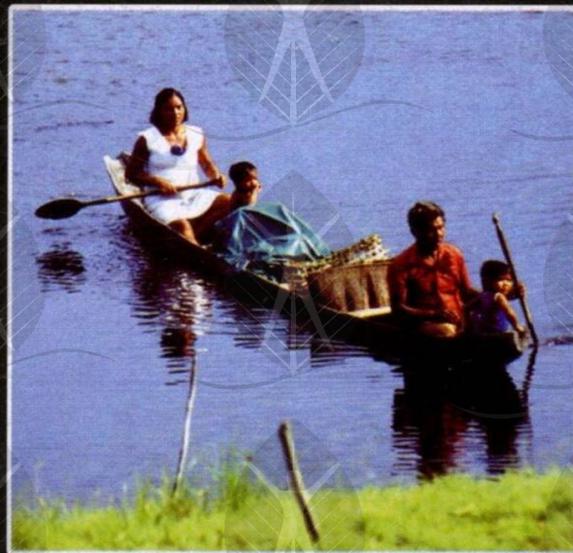


COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Tese de Concurso

Braule Pinto

fac-similado N.º 112



CULTURA



THESE DE CONCURSO

(FAC-SIMILADO)



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA



GOVERNADOR DO AMAZONAS
Amazonino Armando Mendes

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
Samuel Assayag Hanan

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E ESPORTE
Robério dos Santos Pereira Braga

SECRETÁRIA EXECUTIVA DE ESTADO DA CULTURA, TURISMO E ESPORTE
Vânia Maria Cyrino Barbosa

SECRETÁRIA EXECUTIVA ADJUNTA
Delzinda Ferreira Barcelos

ASSESSOR DE EDIÇÕES
Antônio Auzier Ramos

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA
Saul Benchimol – Presidente

SEC
Secretaria de Estado da
Cultura, Turismo e Desporto

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels: (92) 633.2850 / 633.3041 / 633.1357
Fax: (92) 233.9973
E-mail: sec@visitamazonas.com.br
www.visitamazonas.com.br

BRAULE PINTO

THESE DE CONCURSO

(FAC-SIMILADO)



COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © 2002 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Antônio Auzier Ramos

CAPA
Vanusa Gadelha / KintawDesign

PROJETO GRÁFICO
KintawDesign

AmM Pinto, Braule.

F.104

These de concurso / Braule Pinto (fac-similado).
Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas /
Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto,
2002.

40 p. Coleção Documentos da Amazônia n.º 111

Raro



O programa de Edições do Governo do Estado que vem sendo desenvolvido desde 1997, alcançando resultados crescentes, inclusive com a participação em feiras e bienais internacionais, vem se utilizando também dos meios modernos de tecnologia, como a Biblioteca Virtual do Amazonas e livros digitais.

A Amazônia, e em especial os assuntos amazonenses, ganham proeminência e vão servindo bibliotecas e estantes de estudiosos, suprindo de todos os meios e modos as antigas necessidades que tínhamos.

Tem sido vital a participação da Biblioteca Pública e sua equipe neste empreendimento que a Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto vem cumprindo, de forma incessante.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

ADVERTENCIA

Por achar-me inscripto no concurso da cadeira de Desenho do Gymnasio Amazonense por cujo motivo escrevi a presente These e conforme edital que se publicou pela primeira vês no "Diario Official" deste Estado, de 26 de Agosto de 1917, é que vêm os dizeres das paginas 3 e 5 deste trabalho em as quaes, respectivamente cito estar de accordo com o Regulamento do Gymnasio Amazonense a que se refere o Dec.: n.º 1.197 de 15 de Maio do anno acima mencionando, e bem assim a data (25-2-1918) em que reunir-se-ia a Congregação do mencionado instituto secundario. Porém, verificando-se, nesse dia, não o determinado no art.º 185 do Regulamento de então e sim a prorrogação do alludido concurso, ficaram prejudicados os referidos dizeres das ditas paginas (3 e 5), razão pela qual faço esta - advertencia - que julgo muito necessaria e mesmo porque, o citado concurso effectuar-se-á opportunamente sob letras do vigente Regulamento que baixou com o Dec.: n.º 1.276 de 5 de Abril do corrente anno.

Manãos, 1 de Maio de 1918.

BRAULE PINTO.

BRAULE PINTO

THESE DE CONCURSO

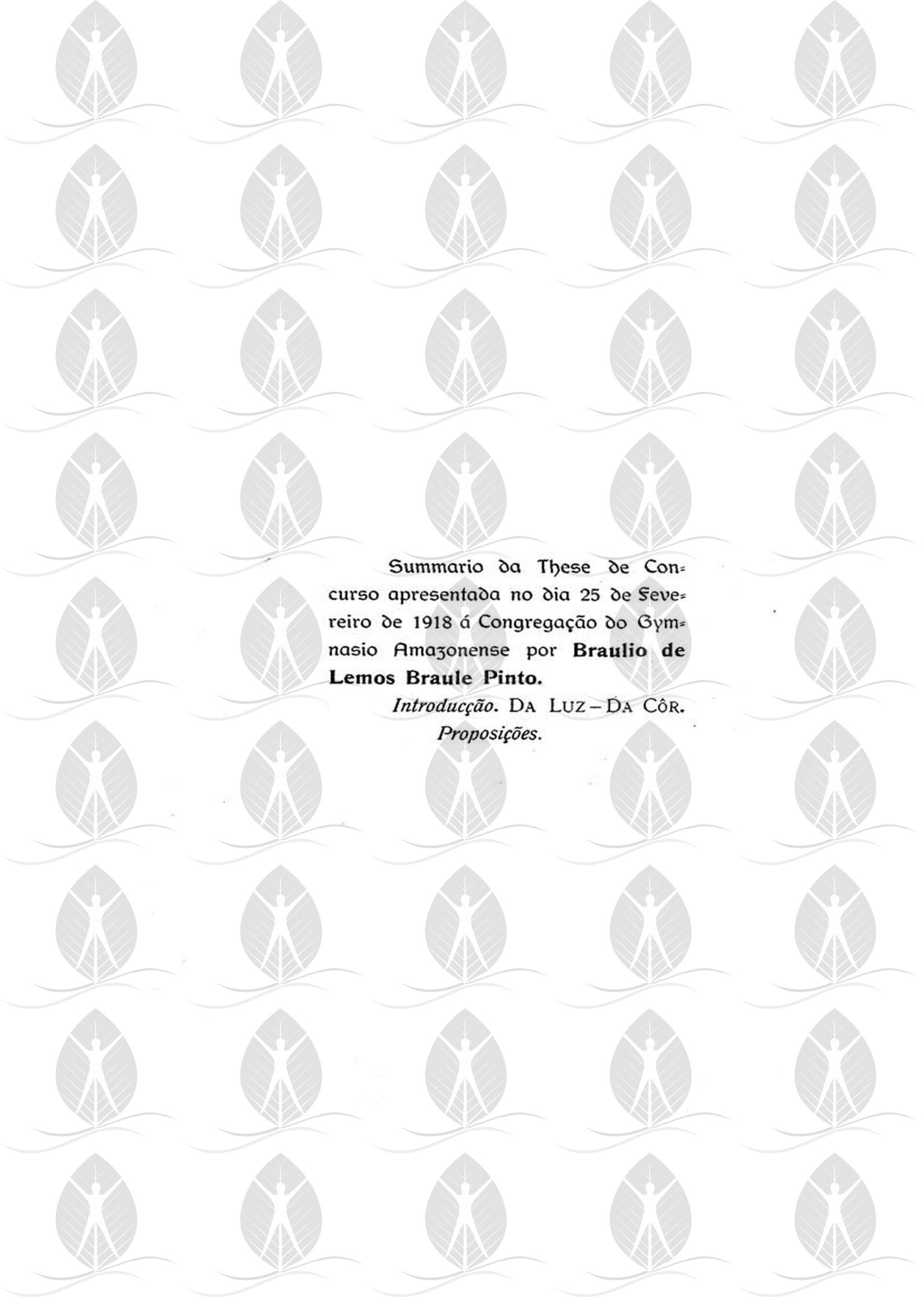


1918

TYP. DA LIVRARIA PALAIS ROYAL
CESAR, CAVALCANTI & C., MANÁOS

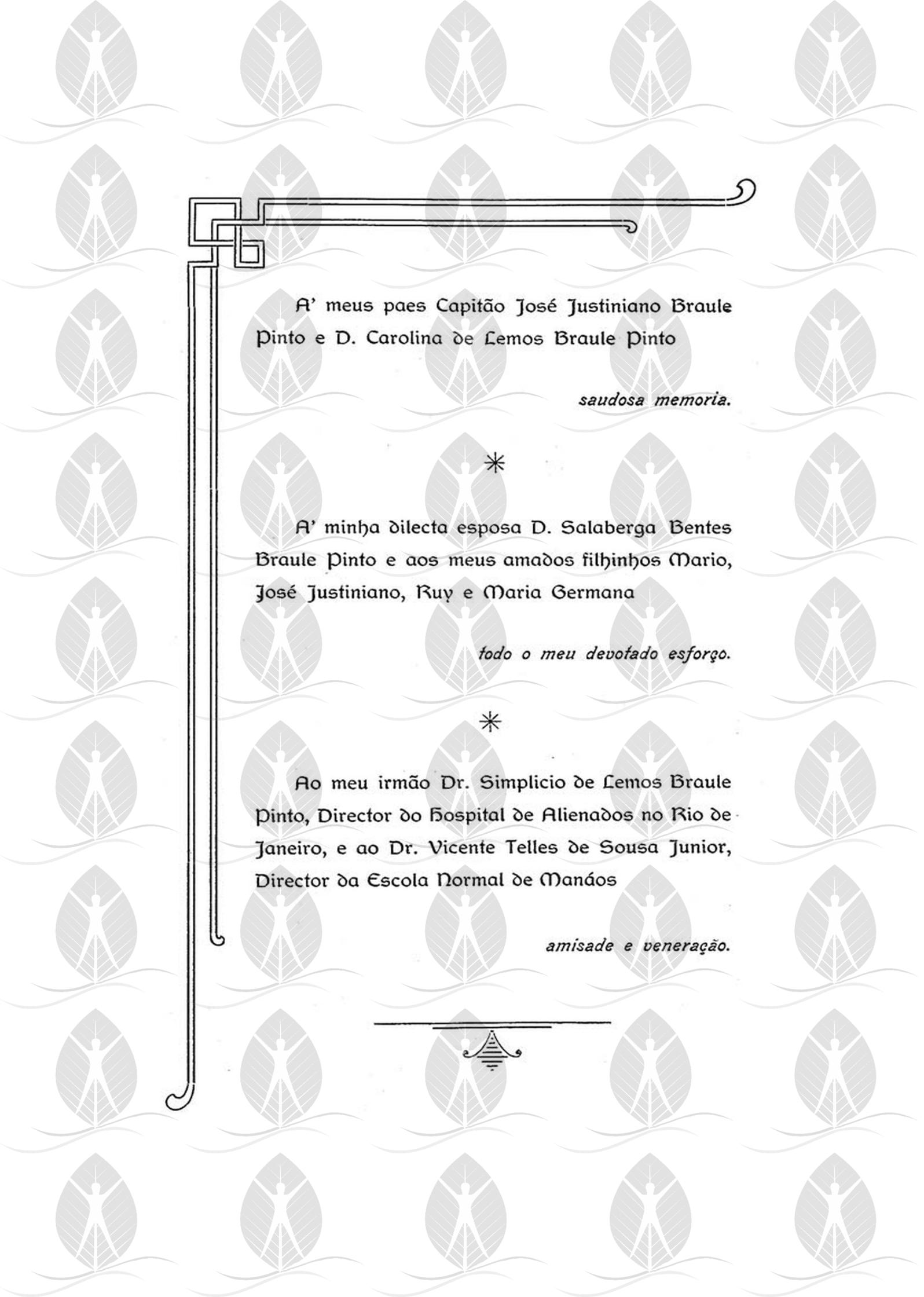


These de Concurso para preenchimento effectivo da cadeira de Desenho, organizada de accordo com o Regulamento do Gymnasio Amazonense a que se refere o Decreto n.º 1.197 de 15 de Maio de 1917.



Summario da These de Con-
curso apresentada no dia 25 de Seve-
reiro de 1918 á Congregaçã do Gym-
nasio Amazonense por **Braulio de**
Lemos Braule Pinto.

Introducção. DA LUZ – DA CÔR.
Proposições.



A' meus paes Capitão José Justiniano Braule
Pinto e D. Carolina de Lemos Braule Pinto

saudosa memoria.

*

A' minha dilecta esposa D. Salaberga Bentes
Braule Pinto e aos meus amados filhinhos Mario,
José Justiniano, Ruy e Maria Germana

todo o meu devotado esforço.

*

Ao meu irmão Dr. Simplicio de Lemos Braule
Pinto, Director do Hospital de Alienados no Rio de
Janeiro, e ao Dr. Vicente Telles de Sousa Junior,
Director da Escola Normal de Manãos

amizade e veneração.





INTRODUÇÃO

A arte e a vida se devem ter originado, integradas, numa perfeita união.

Richter, pensando explicar a origem da vida na superfície da Terra, quedou-se estarecido diante dessa *maravilha* que, na sua mais elementar argumentação falseou, dirimindo a sua phantasia, que não era mais do que uma expressão rudimentarissima de Arte – Arte essa que se tendo manifestado desde os primitivos animaes tem sido tambem em nossos dias a eloquente prova do mysterio que nos envolve em todo o systema do Mundo.

Appareceu a Arte portanto antes do homem surgir á superficie do nosso planeta.

Quem poderá asseverar, qual a origem da Arte, se a vida é inexplicavel? Como a Arte, atravez de muitos seculos, testemunha a existencia do homem numa expressão sincera e immensamente bella?

Apreciando a Arte relativamente ao homem, vemos que as suas multiplas manifestações são as proprias manifestações da existencia do homem. Eram as mesmas ha milhões de annos e serão as mesmas que sempre existirão com elle. Assim é que o mais primitivo e selvagem dos homens, fez Arte a seu modo, não esquecendo-a, não despresando-a nunca durante a sua longa vida accidentada.

Tempos houve horrivelmente tristes; seculos de negra miseria, de desolação, de fome, em que o homem vivia como que abstrahido de si mesmo, e não obstante, nessa phase angustiosa da historia da humanidade, existiu a Arte que parece, melhor resplandecia dessas trevas, como “sendo o raio de sol que confortava essa pobre humanidade, consolando-a nas dores, conservando na sua alma a sagrada chamma da esperança”.

E o homem, ainda não satisfeito de admirar a Natureza, imita-a por todas as fórmulas com o insaciável desejo de sempre e sempre cultivar a Arte que é a sua integração na vida como na morte.

O homem e a Arte instintivamente se completavam na inconsciência da sua existência, nas eras lendárias em que vivia elle perdido—nessa sombria e terrível epocha—em gigantescas florestas ao convívio de feras horribes e de cuja libertação foram precisos milhares de annos para chegar a ser o idealista de senso, o artista consciente, imitando e comprehendendo as bellezas da Natureza, creando as obras de Arte hoje quasi deslumbradoras.

O artista na sua subtil e requintada sensibilidade, revêla, á viva prova de todos os tempos, a perpetua evolução das cousas e das ideias.

A Arte, de cuja sensação cada um de nós experimenta uma extranha volupia, atravez da historia da humanidade, tem sempre traduzido em obras e expressado a vida, em bellissimas imagens, como que, por momentos, desvendando o enigma do Universo.

A observação, causa efficiente na explicação dos phenomenos da Natureza, é a rudimentar manifestação do desconhecido que vagamente symbolisamos com a Arte.

As incognitas do Universo são a causa da sua admiração, e não ha uma só dessas incognitas que não encerre qualquer cousa do indecifrável mysterio da Arte.

O artista ama as cousas, os seres, observando a Natureza no conjuncto do seu mysterio.

Nas maravilhosas obras sublimes, em que o genio humano synthetisa a vida, sente-se a alma do artista povoada de sonhos nas phantasias das obras eternas da eterna Arte.

A Arte em qualquer gráo que se manifeste, mostra-se para nós sob o duplo aspecto: de luxo e de goso.

O estudo da Arte primitiva pôde-se praticar de duas maneiras: pela observação comparativa dos selvagens actuaes ou pelos vestigios que os animaes das epochas as mais remotas têm deixado enterados no sólo.

E' interessante constatar que esses dois methodos conduzem-nos quasi ao mesmo resultado.

A Arte manifesta-se, primeiro que tudo, pela esthetica e pela symetria, que é analoga ao rithmo da poezia e da musica; e pela côr, disposta ou applicada para o prazer dos olhos; pois as côres são uma abundante fonte de prazeres intellectuaes.



DA LUZ—DA CÔR

Em todas as manifestações da vida, a luz entra sempre como o principal factor.

No mundo todo, tudo é movimento; assim é que o movimento, a vibração do ether, elemento imponderavel, fluido extremamente rarefeito, que occupa todos os intervallos do espaço infinito, diz-se ser a causa da luz. E as asserções de Fresnel talvez nos conduzam a acreditar em que condições se dá esse movimento vibratorio do ether no raio de luz, desde que Poisson não tenha razão nas suas argumentações.

Cadiat, diz—: Fóra de nós tudo é movimento sem ser luz; é o globo occular que transforma o movimento vibratorio em luz; o mundo é illuminado pelo poder visual do homem. Asseverando deste modo ser o globo occular a causa da luz.

Mas. . ., em real convicção, que é luz? Qual a causa da luz?

Na hypothese da emissão da luz como consequencia da mais moderna propriedade geral da materia —a radio actividade—, funda-se todo um conjuncto de phenomenos phisicos na sua mais variada diversidade, como as acções radiotherapicas, heliotherapicas, etc.

Considerando-se um raio de luz, phenomenos diversos apreciamos no seu percurso.

Comporta-se de um modo variado ao encontrar uma superficie que lhe seja impenetravel, dando-nos os phenomenos da reflexão e da disseminação luminosa; ao encontrar uma superficie perfeitamente penetravel ou irregularmente penetravel, dando uma serie de phenomenos outros, conhecidos pelo nome de refração, dupla refração, polarisação.

Nos effeitos opticos produzidos pela convergencia ou pelo encontro dos raios que se reflectem ou se refractam, denominam-se *imagens* que pódem ser simplesmente brancas ou coradas conforme a natureza das vibrações dos raios de luz e o modo pelo qual se encontram esses raios.

Em todos os phenomenos de optica, ha sempre duas condições a considerar: o ponto luminoso e o ponto de vista, e para cujo concurso é necessaria a função do orgão visual ou na sua falta, necessario se torna, uma intensa percepção fiel e apuradamente educada.

A superficie impenetravel polida nos dá sempre a reflexão do raio luminoso. E sabe-se que esta superficie alem de reflectir uma grande quantidade de luz, grupa ainda os raios luminosos em massa; não se dá o mesmo com a superficie diaphana, que dispersa, em todas as direcções, a luz que ella recebe.

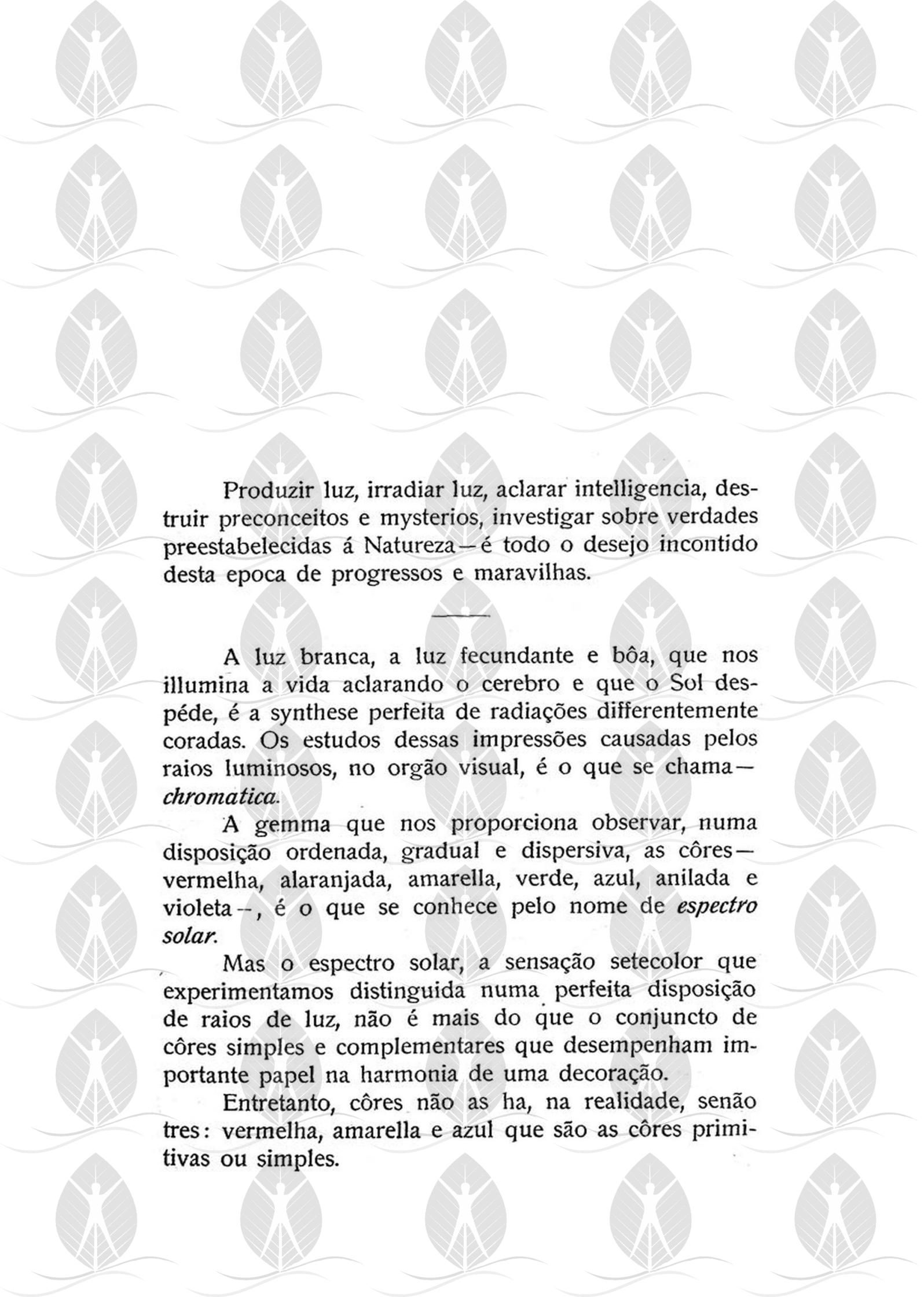
As variadissimas reflexões luminosas, os constantes desvios que o raio de luz soffre, propagando-se no ar, e os demais effeitos de luz, não são mais do que a manifestação do importante phenomeno—a disseminação. E essa disseminação, que é por consequencia o mais commum phenomeno physico da luz, é o mais util talvez para a precisa percepção visual; pois é ella que nos conduz a vermos não somente as fórmias dos corpos, suas posições, mas tambem as mais pequenas particularidades de cada um delles.

Gustave Le Bon, afirmando que a sombra não é completamente privada de luz, patrocina a verdade de que, a presença da luz na sombra é uma consequencia da disseminação luminosa.

Accresce a estas circunstancias um facto importantissimo; é que o phenomeno luminoso é sempre a função de dois elementos: luz e percepção visual, asserção essa que os estudos de optica geometrica confirmam.

Em todas as condições que a luz se apresenta, promove ella variadissimos efeitos opticos, quer de ordem esthetica, como por exemplo em relação as paisagens; quer pelo seu conjuncto de vibrações luminosas que se animam á nossa vista.

Factos de uma irrecusavel veracidade evidenciam esta especie de capacidade moral da luz, que aliás deriva da sua virtualidade physiologica.



Produzir luz, irradiar luz, aclarar intelligencia, destruir preconceitos e mysterios, investigar sobre verdades preestabelecidas á Natureza—é todo o desejo incontido desta epoca de progressos e maravilhas.

A luz branca, a luz fecundante e bôa, que nos illumina a vida aclarando o cerebro e que o Sol despêde, é a synthese perfeita de radiações differentemente coradas. Os estudos dessas impressões causadas pelos raios luminosos, no orgão visual, é o que se chama—*chromatica*.

A gemma que nos proporciona observar, numa disposição ordenada, gradual e dispersiva, as côres—vermelha, alaranjada, amarella, verde, azul, anilada e violeta—, é o que se conhece pelo nome de *espectro solar*.

Mas o espectro solar, a sensação setecolor que experimentamos distinguida numa perfeita disposição de raios de luz, não é mais do que o conjunto de côres simples e complementares que desempenham importante papel na harmonia de uma decoração.

Entretanto, côres não as ha, na realidade, senão tres: vermelha, amarella e azul que são as côres primitivas ou simples.

Sabe-se que a luz se propaga com a mesma velocidade constante, qualquer que seja a sua natureza. Elementos outros porém existem, que variam de umas para outras radiações luminosas; o que quer dizer que existe cada radiação com sua côr propria, com sua refrangibilidade particular e com o seu comprimento de onda caracteristico.

Além das radiações de que acima fallamos, outras se produzem porém imperceptiveis, e por isso é que se affirma, o espectro solar não abranger somente as radiações percebidas normalmente pela nossa vista.

Segundo a theoria de M. Hering, a retina contém tres substancias visuaes, e as sensações fundamentaes são em numero de seis:

preta e branca;
vermelha e verde;
azul e amarella.

Cada um destes tres pares corresponde a uma acção de assimilação ou desassilação em uma das substancias visuaes; e por cujas asserções todas as côres do espectro agem tambem, sobre a substancia do branco e do preto, da mesma maneira que a luz branca. E ainda em consequencia a esta theoria, o branco, que é produzido pelas misturas da luz vermelha e da luz verde, devia ter menos intensidade que a somma dos elementos separados.

M. Hering não parece ter razão, pois, como veremos adiante, experimentadores outros affirmam se decompôr a luz em tres côres simples.

Aqui cabe dizer que o branco tem a propriedade de se estender sobre as côres que a ella se avisinham; propriedade essa que apreciamos toda a vez que ha, justa-postas, côres de vibrações differentes.

M. F. Boll, affirmou, que a retina *produzia physiologicamente* sempre uma sensação vermelha que, em exposição á luz, rapidamente desaparecia; e em pesquisas mais apuradamente feitas com M. Kühne, estudando a luz de uma só côr, relativamente a essa sensação vermelha, constatou que esta côr começa restituindo a mais intensa e fal-a, em seguida, desaparecer lentamente.

A acção da luz amarella é lenta; a luz verde, azul e violeta, agem mais rapidamente.

Acerca destas observações, Kühne fundou uma theoria da visão.

Suppondo que as ondas luminosas dêsem origem na retina, a compostos que differem com o comprimento das ondas, determinou diversas sensações da côr, affirmando assim produzirem-se tres compostas que originavam as sensações vermelha, verde e violeta; e a amarella e a azul são uma sensação dupla, effectuada pela retina, demonstrando elle que a mistura das vibrações da côr vermelha e da côr verde dão amarella, e que a mistura das côres verde e violeta dão azul.

Se assim fosse, boas razões haveriam em favor da opinião de que as côres amarella e azul não são côres primitivas fundamentaes.

Não obstante, as tres côres simples terem sido por vezes escolhidas arbitrariamente, como acontece com a theoria de Young, e com ella, as opiniões de Helmholtz e Maxwell, Brewster e outros, nos asseveram, moderadamente, que a luz decomposta nos apresenta as seguintes côres simples na sua ordem gradual de vibração:

vermelha, amarella e azul.

Donde teremos:

alaranjada, verde, anil e violeta, que resultam, respectivamente, da mistura da vermelha com

a amarella; da azul com a amarella; e da azul com a vermelha em proporções diversas.

As côres complementares estabelecem um *contraste* que resulta da desigualdade da vibração da intensidade luminosa.

Pelo phenomeno physiologico denominado *canção da retina*, pôde-se conhecer a côr complementar de uma luz.

Tem-se verificado assim que, a côr vermelha é a complementar da verde; a azul da alaranjada; e a amarella da violeta, e etc.

Este facto parece demonstrar que o espectro luminoso pôde ser dividido em duas partes, uma das quaes é complementar da outra. Com effeito; observa-se que o feixe luminoso branco, incidindo sobre os differentes corpos da Natureza, cujos grãos de estructura e de aggregação são diversos, soffre, por parte destes corpos, absorpções differentes.

Um systema *dioptrico*, que desvia a luz sem dispersão, diz-se — *achromatismo*.

Rebuscando tudo que se tem dito relativamente ás côres, podemos convencionar que são ellas:

simples ou compostas,
primitivas ou derivadas.

E por tudo isso inquerimos: Que é côr? Qual a causa da côr?

Na variabilidade dos phenomenos da visão, importantes factos apreciamos, quer de ordem da anomalia da refracção; quer de ordem da anomalia de accommodação; e quer ainda pelas manifestações do que se chama — *astigmatismo*.

Longo seria se pensassemos ennumerar todas as combinações em que entram duas ou mais côres; e impossivel seria, como é, qualquer tentativa para estudarmos todas as diversas gradações que pódem resultar da combinação dessas côres.

Causas diversas, phenomenos variados concorrem para que essas gradações se tornem multiplas e quasi indefinidas.

O espectro solar, foi ha muitos annos, antes da admiravel descoberta de Kirchoff, a causa favorita de estudos profundos e indecisos, para os physicos que viam na polychromia do arco-iris a insondavel perscrutação da vida.

Seja-me licito dizer ao termo deste trabalho, que pelo conjuncto de manifestações polychromicas observadas desde o inicio da nossa vida ao derradeiro alento, a côr—parte da nossa natureza—vibra na nossa alma prenhes de amôr.

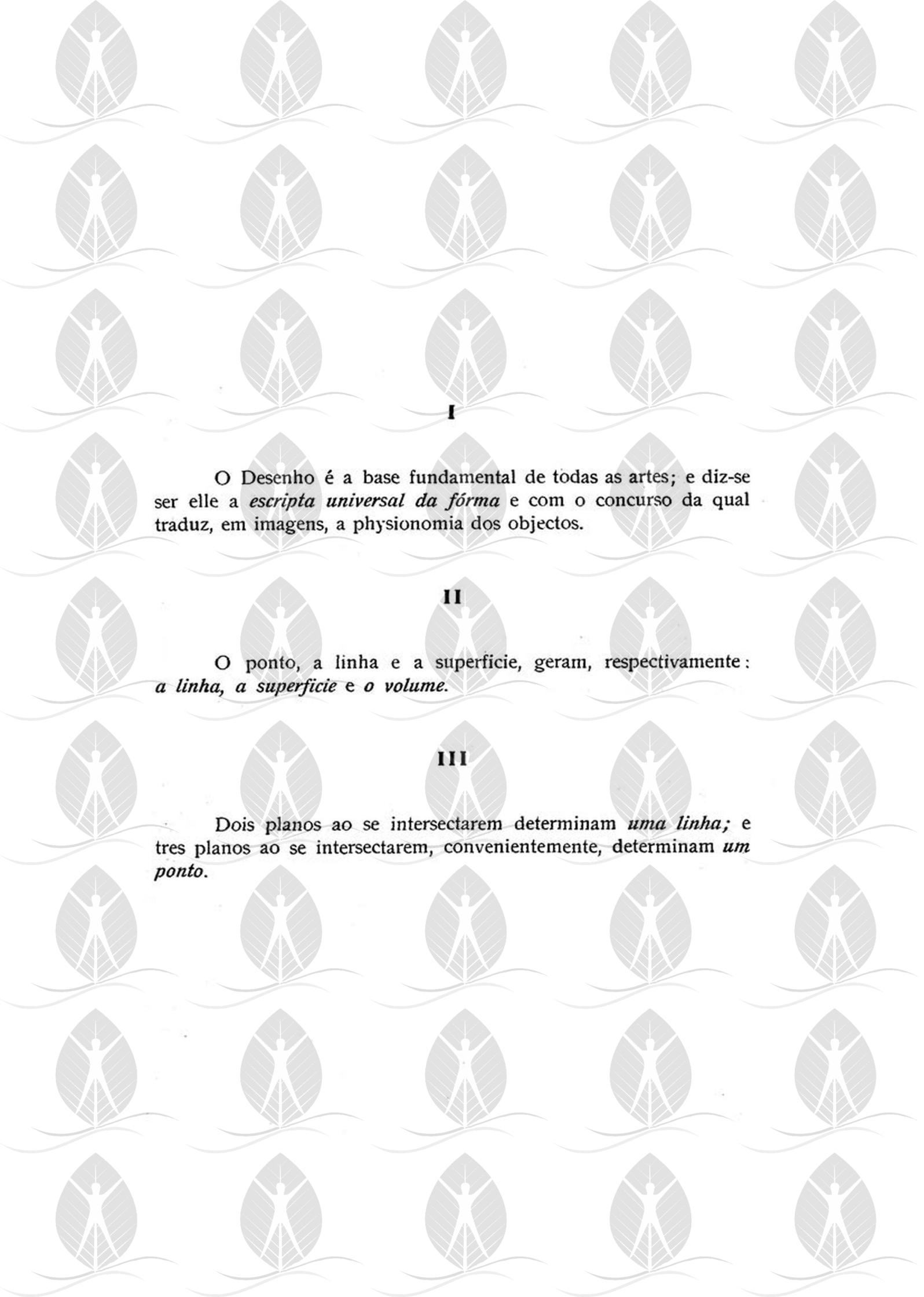
A côr é menos importante que a *forma*, entretanto é ella que lhe dá uma graça particular.

Dahi dizer-se que, na arte decorativa, é a côr um elemento mais importante que a fórma. E é desse duplo contraste que a pintura e a arte decorativa, que se differenciam somente do modo pelo qual dellas se utilizão, fazem o seu apanagio na magia esplendida das côres.





PROPOSIÇÕES



I

O Desenho é a base fundamental de todas as artes; e diz-se ser elle a *escripta universal da fôrma* e com o concurso da qual traduz, em imagens, a physionomia dos objectos.

II

O ponto, a linha e a superficie, geram, respectivamente: *a linha, a superficie e o volume.*

III

Dois planos ao se intersectarem determinam *uma linha*; e tres planos ao se intersectarem, convenientemente, determinam *um ponto.*

IV

A igualdade das figuras geometricas, é um caso particular da semelhança.

V

Os lados oppostos de um quadrilatero inscriptivel, em que uma das diagonaes é um diametro, projectam-se sobre a outra diagonal segundo comprimentos eguaes.

VI

As diagonaes de um pontogono regular cortam-se mutuamente em média e extrema razão.

VII

A cycloide é uma curva *tautochrona*.

VIII

Na sombra e na treva ha luz.

IX

A theoria geometrica das sombras, considera os *problemas* a ella relativos sob o ponto de vista ideal ou abstracto.

X

Não é suficiente termos perfeito o órgão visual para vermos os corpos.

XI

Na visão normal, phenomeno interessante se dá, relativamente ao obstaculo dos meios transparentes, que interseptam a *irradiação colorida*.

XII

Construido um plano tangente a um ponto de uma esfera e de cujo ponto se conhece uma das projecções, póde-se sempre determinar outra sua projecção.

ERRATAS

Paginas	Linhas	Onde se lê:	Leia-se:
11	1	A arte.....	A Arte
11	4 e 5	na sua mais	na mais
12	41	pois as côres são uma abundante fonte de prazeres intellectuaes	"pois as côres são uma abundante fonte de prazeres intellectuaes"
15	3 e 4	assim é que o movimento, a vibração.....	assim é que a vibração
16	1 e 2	phenomenos diversos.....	phenomenos relativamente diversos
16	11	Nos efeitos	Os efeitos
17	14	pelo seu conjuncto.....	pelo conjuncto
19	1	intelligencia	intelligencias
19	11	gemma	gamma
20	6	com o seu.....	com seu
20	21	substancias do branco.....	substancia branca
20	22	e do preto..	e preta
20	23	o branco	a côr branca
20	24	produzido	produzida
20	30	quê o branco	que a côr branca
22	18 e 19	absorpções diferentes. Um systema <i>dioptrico</i> , que desvia a luz sem dispersão, diz-se <i>achromatismo</i>	absorpções diferentes. E a um systema <i>dioptrico</i> , que desvia a luz sem dispersão, diz-se-- <i>achromatico</i> .
28	6	pontogono	pentagono



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA